

Estará morto o sionismo?

O Institute of Jewish Affairs, órgão "intelectual" do judaísmo inglês, organizou debate-jantar sobre o tema epigrafiado dia 29 de outubro. Presentes eram vários intelectuais, deputados do Parlamento, escritores, professores universitários, o rabino-mor de Londres, e um representante da comissão israeli para reformular o movimento sionista. O relator era o rabino Rosen, jovem que consegue amalgamar, curiosamente, ortodoxia tradicional com aquela desconfiança das instituições tradicionais que caracteriza a geração nova.

Eis o problema discutido: O sionismo é ideologia que tem aspectos irreconciliáveis. Pretende transformar os judeus em nação comparável com as demais, sem querer perder a especificidade judia, a qual é precisamente incomparável com a "nacionalidade". E é por isto que o Estado judeu está falhando. Quer ser Estado, e quer ser judeu. De modo que o sionismo pode ser considerado morto, ou "in extremis", por duas razões opostas. Está morto, porque alcançou sua meta. E está morto, porque sua meta se revela inatingível.

Tal resumo da temática despreza, no entanto, a violência da troca de pontos de vista que se seguiu à exposição pelo rabino Rosen. O que me impressionou mais foi o seguinte: Embora as opiniões dos presentes tenham divergido em muitos detalhes, havia consenso quanto à centralidade do judaísmo no problema do sionismo. A questão árabe, e a questão da submissão do Estado de Israel aos Estados Unidos não foram sequer mencionados, a não ser por mim. Tudo se passou como se o sionismo fosse problema exclusivamente judeu, e como se Israel fosse fenômeno suspenso no vazio. Apesar disso a troca de opiniões foi de violência rara, embora contida pelo formalismo precioso inglês do tipo "hear, hear".

O único ponto da discussão que tangiu o que para mim é a "realidade dada" foi a discussão do atual antisemitismo. O evento se realizou sob a impressão do atentado da rue Copernic, de forma que a discussão do antisemitismo era inevitável. Duas posições eram defendidas. Uma afirmando que o sionismo falhou, por não ter resolvido o problema do antisemitismo, e por ter fornecido aos antisemitas argumento novo. A outra, mais interessante, era a afirmação que o sionismo acabou com o antisemitismo tradicional, (religioso, racista, econômico), e criou antisemitismo novo, político e social este. Isto é: que o sionismo conseguiu modificar a imagem que o judeu tem aos olhos do antisemita. Infelizmente, tal afirmação não foi suficientemente elaborada. Não se discutiu a dialética entre imagem e seu significado: não se discutiu que os próprios judeus foram modificados pelo sionismo.

A reunião toda teve, aos meus olhos, aspectos grotescos. A contenda entre tradicionalistas religiosos e modernistas políticos, entre os quais não havia um único esquerdista, malgrado a presença de um deputa

da Labour Party, parecia-me banhada em anacronismo. Embora o clima tenha sido de academismo estéril, seu nível foi lamentavelmente baixo. Quando procurei introduzir elementos de reflexão filosófica e sociológica, a resposta era de sentimentalismo de um lado, e de incompreensão bem educada do outro. A conclusão que tirei é esta: Os intelectuais judeus ingleses sofrem de dois traumas. O de Auschwitz, e o da decadência inglesa.

O primeiro trauma impede que se discuta o judaísmo em geral, e o sionismo em particular, com espírito crítico radical, que ponha em questão as raízes mesmas do problema. O segundo trauma impede que se avance argumentos alheios ao contexto anglo-saxônico. Destarte toda discussão fica limitada a uma espécie de pequeno comitê de sobreviventes dos campos de extermínio infiltrados no estabelecimento da Corôa. Cena digna de Kafka ou, para ficar no contexto anglo-saxônico, de Becket.

A reunião resultou em proposta de se participar do trabalho da reformulação do programa sionista, a ser empreendido pela comunidade judia de Israel, dos Estados Unidos, da França, da Argentina e da Inglaterra Com a possibilidade de outras comunidades aderirem posteriormente. Tal alusão visava principalmente os judeus soviéticos, cujo espectro estava palpavelmente presente. O novo programa sionista a ser elaborado teria por propósito "atualizar o sionismo", mas, conforme me consta, não vai fazer referência aos palestinos. Sai da reunião com sensação de desespero.

Malgrado isto, levei algo de positivo da reunião relatada. Foi a afirmativa do delegado israeli, segundo a qual pouco adianta falar-se em morte ou não do sionismo. Porque o "movimento sionista" se estabeleceu em poderoso aparelho, com interesses grandes investidos, e com um corpo de funcionários bem integrados. De modo que o aparelho continuará funcionando em sua própria função qualquer que seja o programa, e qualquer que seja a resolução a respeito do programa ou não-programa. O aparelho se tornou autônomo de decisões deste tipo.

Esta foi contribuição positiva para mim, porque mostrou como o proprio funcionário pode conscientizar a essência do aparelho. Contribuição positiva, porque extravasa a problemática discutida, e refere-se a nossa realidade social toda. O sionismo como ideologia, ou como movimento, ou se não importa que outra definição, pode estar morto: o aparelho sionista continuará funcionando. E isto vale para todas as ideologias, todos os movimentos, todas as sideias. Podem estar mortos, mas os aparelhos continuarão funcionando a despeito disto e com despeito a isto.